

# O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Gerente—SABINO BAPTISTA

ANNO II

Fortaleza, 1.º de Dezembro de 1895.

NUM. 29

## EXPEDIENTE

Assinaturas por um trimestre 280 \$  
Numero avulso. . . . . 500  
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 1.—Ceará.

SUMARIO:—*Os quinze dias*, Moa-yr Ju-  
rema;—*Triste jornada*, Antonio de Cas-  
tro;—*A mão da mulher*, Mollo Rezende;  
—*Saudação a Natureza*, Antonio Salles;  
—*Pelo Sertão*, José Carvalho;—*Télesias*,  
Rodolpho Theophillo;—*Plagios e Pla-  
giarios*, Sabino Baptista;—*Psalmos*,  
Manoel Lobato;—*Livio Barretto*, Eduar-  
do Saboya;—*Stephane Aliarin*, Lopes  
Filho;—*Album de estudos A. S.*;—*Pha-  
ses*, Livio Barretto;—*Aventuras do Zé  
Guedes*, Antonio Rezerra;—*Carteira*.

## Os quinze dias

Não sei por onde comece a plagiar a  
resenha da quinzena.

Os assumptos, é certo, andam por ahí  
a rodo, mas não são de qualidade a tenta-  
rem um chronista que conhece o uso da  
agua fria, dos sabões, das esponjas e das  
escovas.

Pulnam a esmo coisas sujas a que se  
torce instinctivamente o nariz, levando a  
olho o lenço onde trescalam duas gottas de  
*Fris Blanc*.

O melhor que a gente faz é assostar  
um hinoculo invertido para afastar de  
si umas tantas miseriasinhas que nos borram  
a perspectiva e nauseiam a pituitaria.

Parece que a nossa cidade, ao passo que  
se alarga materialmente, vai-se estreitando  
moralmente, de formas a assumir as  
mesquinhas proporções mesologicas de um  
logarejo matuto com todo o seu fervilhamento  
de intrigas, de picardias e hisbilho-  
tices.

Os espiritos bem intencionados têm uma  
sensação de asphyxia neste meio ingrato  
e se predispõem a fugir com o acudamento  
de quem cesteia um monturo empastado  
por um animal em decomposição.

Eu, que entre outras preferências que me  
tiro para regalo intimo e zanga dos que  
ne não gostam, acarioo a de ser um es-

pirito avesso a essas mesquinhas a-  
deas,—suffoco, positivamente suffoco.

E dou graças a Deus quando passo um  
dia como o que passei domingo ultimo em  
Villa-Adelaide, a risonha vivenda onde o  
felizardo do Bruno Jacy se abroqueira con-  
tra as torpezas urbanas entre os seus livros  
o a sua adoravel prole.

Sob a cupola do cajueiral, crivada pelas  
flechas de ouro de um magnifico sol,  
movia-se uma turba encantadora de se-  
nhoras, cavalheiros e creanças, numa al-  
cure profusão de roupagens claras, num  
chilreamento crystalino de vozes joviaes.

As aves estavam um pouco desconfiadas  
com aquella invasão; mas, para não darem  
a asa a torcer, tomavam parte na festa sol-  
tando pios festivos por entre o emaranha-  
do dos ramos.

As mezas pompeavam ignarias rescen-  
dentes, fructos de polpas tentadoras e gar-  
rafas de feitiços diversos e diversos colori-  
dos.

O rancho de convivas se dividia em  
grupos que se entregavam a recreações  
multiples:—aqui diziam-se versos, all can-  
tava-se o violão, alem contavam-se anec-  
doctas, mais adiante assaltava-se ener-  
gicamente um perá alentado ou um flam-  
bre loirejante.

De casa chegavam às vezes aos ouvidos  
dos circumstantes trechos de Gounod,  
de Joncières, de Bach e de Bendel.

De quando em quando a sala de visitas  
era invadida, e pares rodopiavam nos vol-  
teios de uma valsa.

Um dia para ser assignalado com uma  
pedrinha branca, como os dias felizes  
dos romanos.

Mas... tudo acaba neste mundo, e a  
noite teve a gente de voltar para entrar  
de novo nos eixos d'esta dissolvente vida  
de cidade.

E a lembrança das boas horas do dia  
antecedente tornava mais aspera e irri-  
tante a volta ao ramerrão costumeiro.

Que tedio, Santo Deus!

E enquanto o meu charuto ardia entre  
os beigos ainda lubrificadas do café matu-  
nal, eu me revoltava com a idea de ser  
obrigado a ir palmilhar essas ruas mono-  
tonas, defrontar com physionomias sedi-  
ças, onde, como o punhal de Caserio,  
disfarçado entre flores, se disfarça a trai-  
ção entre sorrisos.

E veio-me de novo a dyspnea moral,  
senti um archoço brutal na larynge da  
alma.

O Gesell, um bello cão de raça, um es-  
trecho de puro sangue com que me do-  
tou a munificencia de um amigo querulo

estirava-se a meus pés n'uma solemne  
diferença por todos os plagios passados  
presentes e futuros.

E' o Gesell um cachorro comedido  
muito obediente aos meus acenos e muito  
sério. Nunca ri, mas não morde de certo.  
As poucas investidas que tem feito contra  
humanas canellas ou contra individuos da  
sua raça, fal-as de frente, ladrando alto para  
que não se enganem com as suas intenções.

Nisto differre essencialmente de outros  
cães que aggridem as caladas, pelas co-  
stas e fogem sem dar tempo a que os lhes  
tire pello para curar as dentadas.

Em quanto contemplava o meu fiel com-  
panheiro e fazia mentalmente a sua apo-  
theose, o tempo corria, tornando cada vez  
mais proxima a hora de recommear a  
labuta diaria.

Foi então que mais intensamente se  
revelou a decidida e incoercivel voca-  
ção que tenho para millionario, para mil-  
lionario nato, que se limita a gosar o que  
lhe deixaram os seus antepassados.

A vida, para os desherdados da fortuna,  
não passa de um presente grego.

Parece mais serviço de diabo coxa do  
que resolução divina.

*Amor e Trabalho* é a divisa em de casa,  
mas só a adopto com restricções ao se-  
gundo termo.

Devemos trabalhar, sim, mas cada qual  
segundo os seu gostos e predilecções.

Eu, por exemplo, em vez de enfilar um  
paletot preto e umas botas para ir e curvar-  
me das 10 as 3 sobre uma banca de reparti-  
ção, podia flear á fresca em minha propria  
banca a plagiar versos, chronicas e outros  
generos litterarios.

A minha cachaca e isto; muito embora  
já se me tenha arrefecido o gosto de es-  
tufar papel, depois que o boato fez-se con-  
trada na litteratura.

Os boateiros litterarios em nada des-  
toam dos boateiros politicos; têm a mes-  
ma impudencia, a mesma fertilidade e a  
mesma irresponsabilidade.

Si a gente lenta deitar-lhes as mãos,  
elles nos escorregam entre os dedos, o  
muço e da mesma carreira vão repelar  
adiante as mesmas pernas, as mesmas  
luminias.

Decididamente e preciso que se deslucra  
esta terra litterariamente em est' bo-  
sio para pôr cobro as linguas das  
dos boateiros.

E prosando, prosando cheira as  
noxe tras e as noxe horas pelo curral  
obrigado a fazer ponto affirm de que a  
feda minha repartição não me fecho de

## Triste jornada

A RODOLPHO THEOPHILO

Começamos a insípida jornada  
Da vida inconscientes, ignorando  
Que muito espinho iremos encontrando  
De sta existência pela longa estrada

Que além se estende imensa, desdo-  
brada...

E, desconfiosos, vamos nós marchando,  
Seguindo sempre desconfiosos, quando  
Nada sentimos e nem vemos na la.

Depois... vêm as agruras do caminho,  
Tantas urzes ocultas, tanto espinho  
Por onde vamos nos ferindo atôa...

Uns ficam no começo fatigados,  
Enquanto os outros lá se vão, coitados...  
Quem sabe? a morte é, muitas vezes boa!

ANTONIO DE CASERO.

## A mãe da mulher

(Revelação de um sonho  
em noite de verão.)

NO ALBUM DE MME. ALICE N. SALLES.

A minha amiga Guiomar, minha  
Senhora, contou-me um dia a histó-  
ria de um sonho curioso que a accom-  
panhou certa noite de verão no retiro  
bucólico onde costuma recolher, no  
período dos grandes calores, cada  
anno.

Os sonhos têm mysterios impene-  
tráveis a curiosidade scientifica. A  
minha apurada intuição psychologica  
vacilla em face d'esses phenomenos  
ignotos e inexplicáveis, produzidos  
nas brumas do somno.

Não procurarei explicar o caso que  
vou relatar. Tenho bastante consci-  
encia, a de mim! da minha pobre-  
za scientifica, e sobra-me bom senso  
burguez para aventurar-me a uma  
profeção por ventura somente asada a  
uma exhibição pedantesca.

E depois, eu mesmo ignoro se sonho  
apenas foi, ou phantasia de romantica  
impudente, amiga da blague e da  
zombastica de imaginação.

Mas seja como for, a minha amiga  
que me perdeu a indiscreção do con-  
fiar a esta pagina tão branca, onde  
parece que a alegria sorriu, a confi-  
dença com que ella me distinguu,  
commovida, a um dia de quebranto  
enamorado, a hora em que o sol no  
ocaso espalha pelo espaço, com o seu  
ultimo olhar, as roxas macerações da  
agonia da tarde...

Guiomar recolhera cada, sem mes-  
mo esperar que a Luz surgisse dor-  
traz da montanha que fecha o horizo-  
te além com uma nota de chumbo. As  
estrellas coruscavam ja no alto dos  
céus e a brisa vespertina vinha espul-  
sando pelos ares a saudação nocturna  
das flores.

No campo a Noite vem e oite e im-  
perceptivel largam brumas d'outra magis-

tude e de vozes mysteriosas que o ho-  
mem não entende. As estrellas, que  
fulgem despercebidas das cidades, tem  
nuns fulgor sobre a vastidão das matas  
sombrias, e palpitam na altura  
infinita como gotas aladas de luz,  
sempre prestes a largar o voo em bus-  
ca da terra.

Guiomar sonhou mal dormida ain-  
da, que o genio das Eidades; trans-  
portara ao Monte Inicial onde o Espí-  
rito Divino transmitira a Moysés as  
taboas da Lei. Millemos passaram so-  
bre esta era remota; mas a ensemen-  
ção prophetica dos logares biblicos  
persiste a mesma no mune devoto que  
servia a entrevista de Deus com o ho-  
mem. Uma luz mystica, fora da crys-  
tallisação do primeiro ris e da aureola,  
illumina o monte santo. Pesa sobre as  
coisas um silencio concentrado de  
atomismo e de pavor; e o ar que se  
respira dá a sensação do vazio!

A pobre Guiomar attona e ouvido  
à espera que estruja a trombeta do  
Juizo Final.

Mas não é o som martial da trom-  
beta chamando os mortos ao ultimo  
juizamento que fare o seu ouvido at-  
tento; são os accordes doces de uma  
lyra antiga, cujo echo longinquo sabe  
do valle.

E sobe mais! e mais. A lyra ap-  
parece emfim fluctuando no ar, leve  
e sonora como uma grande ave.

Desliza sobre as cordas afinadas al-  
guma coisa semelhante a uma flor de  
altura extrema, a cujo contacto vibra o  
instrumento como o mármore da Men-  
noni aos raios do sol.

Apurando a vista, pomei affeita a  
penumbra ambiente, Guiomar notou  
que a que a principio lhe parecerá uma  
flor, era uma mão,—mão de mulher  
onde brilhava um anel nupcial— a sua  
ponta não direita!

Mel curula do horror que lhe causara  
essa extranha revelação, acordou  
para a a espanto maior: a melodia  
que a sua pobre mão descepu arrau-  
cava a lyra phantastica era uma ba-  
lada medieval que penetrava a intelli-  
gencia fazendo esse comprehender sem  
palavras, e que dizia assim:

«Eu sou a mãe da mulher!  
Quando nasce, era uma pspicua  
concha de navel e rosa, onde mel e dia  
o beijo materno.

Depois cresci e adalgeci-me; sou o  
beijo fragil da mulher euberme e coo-  
sa a força que abate a pulva dos leões,  
derrota e restreua Imperios, illumina  
a senda dos Heros e rouba a vida  
aos tyranos.

Nacia escrupa ao meu pebor. Ento-  
de graça e da beamente das e milles  
renas.

Holophernes e Menut tentaram e in-  
traa Ham onde eu, nupulsando pelos  
caprichos da nevrose sanguinaria; Ju-  
dith e Carlota Cobly levaram-me a  
amphibolos, mostrando que a minha  
força não estava somente na magia da  
minha peopra fraqueza—era suffi-  
cientemente forte para diegna o instru-  
mento d'as covadias.

Por menores que sejam as minhas  
proporções, sou sempre bastante gran-  
de para conter um coração, que as  
vezes das vezes se deixa espolar ao  
men valde, sem nunca dar por isso.  
Arma da amor e do combate, ali-

deco tambem ao fatalismo indefectivel  
da finalidade organica; mas sempre  
nobre e sempre firme, traço no lar o ar-  
co-iris de paz e de bonança, d'onde  
chovem sobre a prole curiozas e mo-  
gas—as bençoões da Avó.

Findou ali o sonho. A minha ami-  
ga despertou ainda assustada, experi-  
mentando o pouso que julgava desco-  
pado. Notou, com viva alegria, que  
estava intacta, e a sua formosa mão,  
onde brilha o anel nupcial, longa e fi-  
na, occupava o logar que Deus lhe des-  
tinou para triumpho sem por da belle-  
za e desespero das que não a pos-  
suem.

Devia ser tarde a noite ja alta.  
Pela vibração da janella sobre o jardim  
o Sotões colto, de uma nitidez anor-  
mal, espreitava enmorado o susto  
supersticioso de Guiomar...

—Felizmente foi sonho, concluiu  
ella; mas sempre quero communicar-  
lho para suspieta que alimente, desde  
então; estou quasi convencida de que  
appello grupo de estrellas curiozas  
havia muito essa noite... para me-  
ver mais de perto.

Pode ser que a minha amiga tenha  
razão com a sua suspieta; mas infun-  
tamente mais razão teriam as estrellas  
si realmente baixassem para vê-la  
mais de perto...

A historia ali fica. Só me respon-  
sabilizo pela fidelidade com que a re-  
puzi.

Mas, sonho ou phantasia romantica,  
ella encerra uma verdade tão paipi-  
tante, que eu não teria a minima hesi-  
tação em subscrever-a no toño.

MELLO REZENDE.

Ceará, 28 Novembro, 95.

## Saudação à Natureza

Recitada em uma festa de campo  
Villa-Adelaide

Oh! arvores amigas!  
Meu dolorido espirito—curvado  
Ao peso das fadigas,  
Vem implorar abrigo ao perfumado  
Docel das vossas folhas verdejantes,  
Onde as aves modulam seus descanços!

Que o ar fresco e cheiroso  
Que as vossas frondes sonora e agita  
Me apague o insidioso  
Sorriso vesgo que em meu labio habita  
E lhe enfiare as exhanstas commissuras  
Com o sorriso das placidas venturas!

Travessos passarinhos  
Que andas raffando as asas pelo ambiente  
E no frouxel dos ninhos  
Beijos trocades de uma paixão fervente,  
Cantai-me uma canção q' alma me emba  
E aos meus affectos brandamente fale!

Boa mãe, Natureza,  
Acoelhe-me ao romão do teu seio  
De uma austera rudeza  
Mas de consolo e de piedade cheio  
Para aquedes que os fados deshumanos  
Afastaram de ti por tantos annos!

Mal sabe, com que afan  
Meu coração solto te buscava,  
E a luz do dia manha

Inundada de luz cantante e flava,  
 Como uma flor, as pétalas vermelhas  
 Abre do Amor ás cápidas abelhas.

Sinto que se derrama  
 Dentro de mim a luz de uma alvorada  
 Ardente como a flamma  
 Que accende os olhos da mulher amada...  
 Alvorece em minha alma Aves do amor  
 Threnos soltai de amplo clangor!

Deixem-me haurir fremente  
 Esta agreste bafagem campesina  
 E doleitosamente  
 Ver do céu a belleza peregrina.  
 Alto do céu de saphira, immaculado,  
 De altas nuvens a viximas brotado.

Na senda luminosa  
 A quadriga do Sol ingente ro'a;  
 Desfolha-se uma rosa  
 E ao seu lado um botão abre a corolla;  
 Succumbe o fraco e se levanta o forte  
 Na batalha sem fim de Vida e Morte.

E, oh Natureza, o arcano  
 Dos teus mysterios, tremulo, perscruto  
 E o meu peito de humano,  
 Como o ponzaseo, a flor e o tronco hirsuto  
 Dos teus fluidos vitales todo se inunda  
 Numa effusão de jubilo, profunda!

Como a existencia é boa  
 Aqui, sob esta cupula de ramos!...  
 Deixemos ir á tón  
 O misero Para que singramos  
 Este mar... Para que saber o norte  
 Quando o porto final é sempre a Morte?

Mas durante a viagem  
 E'rir e amar... Vivamos o gosemos!  
 Sirvam de marinhagem  
 Estes garridos passaros; de remos  
 Sirvam ramos em flor... Para os abrolhos  
 Sejam pharões uns namorados olhos...

Audacioso nauta,  
 A ti me entrego, oh Natureza amiga,  
 E a minha mão incauta  
 De Anacronite empunha a taça antiga  
 Para saudar o Amor, e ethéreo nuno:  
 Que em seu poder o teu poder resume!

ANTONIO SALLES.

## Pelo Sertão

### NO TREM

Em um dos primeiros dias de Outubro, pelas 6 horas da manhã, o trem partia da Estação Central.

Manso, devagarinho, ao principio ia deixando ficar-se as janellas os rostos pallidos das mulheres curiosas de ver-o.

A carreira de instante a instante tornava-se mais rapida: as casas corriam para traz em um passo vertiginoso e a pallidez das moças curiosas se nua quasi com a pallidez da manhã.

U son a pouca distancia amol do horizonte era o thurubulo immenso que Deus suspendia vagarosamente com o incenso da vida.

A locomotiva ao transportar a deidade esculha do subterráneo despediu-se da Capital com um silvo prolongado,

repetido, e este grito escapava-se do seu pulmão de aço, estridido, cheio, como que acompanhando de uma satisfação immensa, extrema, comparavel somente a do corcel indomito que se vendo livre dos freios e correndo e o seu elemento relincha de prazer. — Era um desafio.

Os olhos perdiam-se em todas as direcções.

O silvo da locomotiva para mim, é de uma poesia incomparavel, grandiosa; parece-me sempre que n'elle ha alguma coisa de humano, ha um lucto das localizações do espirito das gerações de muitos seculos e como que perceptivel, clara, sobressahe predominantemente a nota do genio de Silvano do Cau.

O no passaninho da manhã tornava-se mais rarefeito com a velocidade da carreira; os pulmões dilatavam-se deixando a gente n'um bem-estar sadio, n'uma antecidade intima de receber impressões agradaveis.

A vasta campina de arbustos e caqueiros desvendou-se a vista, circumserendo-se longe, muito longe, ha a cinta pardacenta dos horizontes.

O trem avançava victoriosamente como um genio de assombros rugindo, indomavel, deixando a terra tremendo a seus pés e as florestas do sertão humilhadas e vencidas.

O azul diaphano e transparente do céu casava-se com os tons dos campos das campinas de Outubro.

Nos wagons, pessoas patricias sentadas, as malotas ao lado, olhavam pelas portinholas, fitando a vista, ao longe, em pontos que passavam rapidos, que eram substituidos as pressas n'uma vertiginosa ondulação dos terrenos e das arvores.

Machinalmente lembrei-me de Iracema.

A formosa virgem dos «labios de mel» nascera «além, d'aquella serra que azulava no horizonte!»

O espaço que alli se desdobrava fora a patria da cabocla ubal, o gracioso mytho de nossa poesia selvagem. Aquelle mesmo céu indefinidamente azul se suave lhe servira de tecto, as mesmas colinas lhe foram o berço macio e perfumoso.

Quem é filho d'esta terra—da terra do mar de liquida esmeralda—ha de sentir estremecer de intimas alegrias ao cahir no meio d'esta Natureza graciosa e longa. Um mundo de sensações ignotas, incomprehensíveis, penetravam-me balsamicamente até os recessos da alma.

Parecia-me que a alma do poeta de Iracema derramava-se em torno, tão azul, como o azulado do céu; verde como as frondes das carnubabas e dos caqueiros e sussurrante como as brisas que passavam do mar.

Um genio *quintessencial*, raso, rebentou dando signal de proxima, proxima, e a carreira moldeava sensivelmente. O trem passava em frente ao Asylo de alienados e no gradil das janellas estavam duas boças insensíveis, indifferentes; as palpebras desgrenhadas, os olhos impassivos, como que repassadas de um magoado despreso pelo

mundo, de um escarneo soberano e frio.

Desgracadas creaturas diane das quees toda a philosophia humana se cala.

Passageiros. Os passageiros saltavam.

Para a Estação corriam todos os moços vizinhos. Os meninos gritavam e amanhavam castanhas. Os versos do nosso delicioso e chorado poeta dos Chocmos—cabiam-nos insensivelmente de labios.

- Para o trem. De villavilla
- Verde, risouha engracada
- Vem pra beira da Estação
- Toda a gente, alli vicia!

O voo da indispensavel d'amor a horario partiu. Uma negra da lagoa appareceu, limpida, azul, transparente, onde se retratavam as arvores e o céu.

Como uma graciosa visão veio-nos aida ao passaninho a imagem de Iracema.

Parecia-me vel-a banhando-se na lagoa, entre os juncos e as jacarandas, nua, descuidosa, levando agua a cabeça com as pequeninas mãos unidas e concavas e... «toda rorejada de gotulas.»

Seguiram-se as massadoras demoras nas Estações seguintes. Sempre a mesma paisagem, a mesma florestação rasteira e ao longe os picos finos, desiguales de algumas serras dispersas. O sol attingira a uma terça parte de sua carreira.

Fazia calor, e a poeira era excessiva e incommoda.

Os rusticos trabalhadores da linta, vestidos de azul, perfilados, extaticos desenrolavam de espaço a espaço bandeiras brancas dando signal a passagem franca do trem.

A serra de Baturité, aproximava-se, estava perto como uma faixa verde e nítida.

Aqui o acola a machina *berroca* apressada, desesperadamente, espantando os animaes que paravam no trilho.

Partindo de Unhão o horario cheitava ao Putú.

Todos os passageiros n'uma assaetada engeçada corriam para os hotéis enquanto seus lugares eram occupados pelos da terra que esperavam *preocuidos* em todos os *sentidos*. Eu que tambem havia corrido para o hotel quando voltei, não mais achei desoccupado o meu *logarzinho* onde havia hantido tão boas impressões; e, confesso, a bem da verdade e da originalidade de minha narração que de muito bom grado dispensaria esta *oracuna* que me obrigou a manter por muito tempo uma *resignação berroca*.

Com o estomago cheio, fatigado, ao principio indignou-me o procedo do *sereno*, um individuo *ruca* *quido*, de grandes bigodes rebolados que occupando *minha* *coltura* e *regava-me* aquelle supplicio torturante. Tive impetus de *colera*, enfurecido, *pathetico*, quiz romper n'uma *colera* *dupa* de objurgatorias. *colera*...

por uma boa orientação, talvez, lembrei-me que d'este modo estava do encontro com os principios de um rapaz republicano que sonha com a liberdade e a confraternização e que procura, pelo ideal, a grande verdade da igualdade e do amor.

Retrocedi e lembrei-me da grande maxima, unica que pode levar a humanidade ao aperfeiçoamento, unica compativel com todos os principios democraticos: « Querer para os outros o quillo que se quer para si. »

Resignei-me, portanto, satisfeito por me achar em harmonia com os principios de que me orgulho.

O sol pendera do zemith e uma fresca aragem precursora da tarde soprava brandamente por sobre os galhos lesnudados das arvores.

As Estações mais distanciadas umas das outras, ao contrario das de Baturoidé para a Capital, mostravam a pouca densidade de população por toda aquella zona.

Mais tarde, uns grandes pontos pardacentos avistavam-se ao longe: eram os grandes rochedos do Quixada.

A disposição dos terrenos, a vegetação, tudo indica que as ondas do Atlantico, alli já cantaram a sua nostalgia e maguada canção, ou que já bramiram tambem feriosas, revoltadas pelo sopro do "Aracaty" que vin, com o tempo, apesar de seu esforço, as aguas lha fugiram precipites fugindo ao seu latego e deixando-o so, ruivoso, indomavel, a soprar violento na immensa praia, no vasto sertão.

Depois a terra se revestiu, cresceram os arbustos, levantaram-se as arvores e o "Aracaty" mais calmo, menos iracivo ficou soprando em horas certas do dia; as arvores substituiram as ondas e elle sempre victorioso, e soberano daquellas regiões.

Depois de ler deixado atraz a Estação do Junco foram estas as minhas reflexões.

Quando aquillo era mar, que horrivel devia de ser uma tormenta entre aquelles rochedos. Que boa, que caridosa foi a Natureza para com nosco? Fazendo recuar a mar, quantos bens não nos trouxe e de quantos perigos não nos livrou?!

Legou-nos tantas leguas de terra onde possuimos a riqueza pastoril e agricola, tanto gado, tanto café! Que bens incalculaveis?! Substituiu a Companhia do Lloyd pela E. F. Baturité; em logar de um paquete nos fez virjar a uma locomotiva que é melhor, menos perigosa, mais segura, onde não ha enjoo nem perigo de naufragio. Que bom! Que felizes somos nós, os Cearenses! E com tudo, não vivemos satisfeitos; ainda nos queixamos das secas e dos governos?!

O trem como que se achando pequenino, humilhado mas ruivoso, cheio de colera, passava entre dous grandes rochedos — gigantes enrugadas pelas lagrimas das chuvvas e insoladas pelas ardencias do sol. Saltou uma porção do silvos agudos, fortes, e, refreando, amezgando, soltando do peito a grande paixão que o torturava, parou na pequena Estação do Quixada.

(Das Perlas Scandinaves).

JOSÉ CARVALHO.

## AVISO

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes do interior e dos Estudos, que se acham em atraso, o estimavel obsequio de mandarem pagar e reformar suas assignaturas até o fim de Dezembro vindouro afim de que não lhes seja interrompida a remessa d'O Pão de Janeiro em diante.

Para este importante assumpto chamamos a attenção de nossos prestimosos correspondentes e agentes.

Outrosim: — prevenimos que, a começar de Janeiro de 1896, não atendermos a nenhum pedido de assignatura que não venha acompanhada da respectiva importancia. Fiquem, pois, avisados os nossos numerosos leitores.

## Telesias

Das entranhas da terra emergent telesias  
Ha seculos all nas rochas sepultadas,  
Sem um raio de luz nas faces lapidadas  
Pelo cinzel do tempo: assim as harmonias

De minha lyra vêm, d'essas prisões som-  
(brias,  
Em o meu coração ha muito enclausuradas,  
Como se o vacuo houvesse entre ellas,  
(desterradas,  
E o mundo, que se embala em doces me-  
(lodijs,

Surgem agora e vêm as minhas gemmas  
(puras,  
Que o tempo cinzelou das fibras de mi-  
(nha alma,  
E foram laudario a dor e as desventuras.

A luz quando tocar as faces do cristaes  
Se em vez de de muito brilho achar só  
(muita calma,  
É que essas gemmas são formadas de  
(meus ais.

Alto da Romance, 9 de Julho de 1895

RODOLPHO TUGORINO.

## Plagios e plagiarios

Dez longos dias tenho eu esperado pelas provas do meu supposto plagio denunciado por Um Amigo do Ceará em sua edição de 18 do corrente. Estas, porem, até agora não dão signal de vida, pelo que faz crer que o meu accusador tem se visto em entaladelas para salubr-se da enrascada em que se metteu.

Logo que tive sciencia do crime de que era accusado, após a leitura do Ceará, sahi ao encontro do meu denunciante com o seguinte repto: pelo Diário do Ceará.

— Publiquem o Ceará de 18 do corrente uma local, com o titulo acima, na qual se encontram allusões calumniosas ao nome de Antonio Salles o

de um outro festejado trovador cearense, cujo nome o noticiarista não deu a comprehender quem seja. Antonio Salles já respondeu pela Republica de hontem a parte que lhe diz respeito, e, como se propoia a bucca pequena que o outro galano litterario, a quem o Ceará allude, sou eu venho fazer o mesmo que aquelle meu amigo: — desafiar ao tal individuo para que sob sua assignatura prove o que fez publicar.

Uma vez que fui o provocado me assiste o direito de atirar ao meu accusador o seguinte repto:

— Exijo a publicação das poesias em questão, tanto a do Sr. Martinho Rodrigues como a que diz ser minha, com a declaração do livro e paginas em que se acham, ou nome dos jornaes, numero e data em que foram publicadas. Exijo tambem provas justificadas sobre a authenticidade e identidade da tal poesia por mim assignada; e exijo mais que sejam os ditos livros ou jornaes expostos em logar publico, onde todos se possam certificar do meu plagio.

Não se avança uma proposição qualquer que ella seja, sem bazes precisas para prova-la, portanto se o meu accusador não puzer a coisa em prazos limpos, com todas as minudencias aqui exigidas, dar-me-á o direito de tel-o na conta de um calumniador gratuito e mentoso vulgar. Fortaleza, 20 de Novembro de 1896. — Sabino Baptista.

O publico que lea a denuncia a minha e depois o meu desafio esperou, como eu tenho esperado, pela exhibição das provas exigidas, mas estas nem sequer esperanças dão de si. Fez-se o mais completo silencio sobre o caso e o Amigo do Ceará não voltou mais á imprensa para camagar-me com o seu libello accusatorio.

Não se justifica de nenhum modo semelhante demora para a confirmação de um facto, ha muito assoalhado em certas rodas litterarias desta capital, e cuja veracidade muito interessaria no Amigo do Ceará e ao grupo dos que fazem carga a minha reputação litteraria.

Uma vez, porem, que o meu denunciante não appareceu de visicira erguida assumindo a responsabilidade da sua asserção, responsabilizo a redacção do Ceará pela calunnia a mim atirada. Sobre ella ficara, pois, uma vez que não provou o meu crime, o peso das phrases com que terminei o meu repto.

Agora um addendo a proposito:

Tenho, como toda gente que se preza, amigos gratuitos, e alguns delles bem mesquinhos, benza-os Deus. Assim, pois, não é para estranhar que tamanho silencio do Ceará e do seu Amigo seja algum tributo ardidado contra mim.

Mais de uma vez têm os meus deffectos, lançado mão de meus pontos dignos para attrahir o reduculo sobre meu nome. E n'delles já se lembrou de escrever versos pillos em hospício e outros rhonmas, e publical-os com minha assignatura, o que valen um pe-teste de minha parte. Outro — se não he muito tempo — alludo para o publico de

S. Luiz recitar versos e oferecer flores a actrices em meu nome.

Já vê o publico que, ao amigo do Ceará, não sera difficil uzar de meus identicos. Pode elle muito bem estar machucando uma cilada qualquer contra mim; eu é que porei mo não deixarei apunhar nas malhas da rede que elle traçoceiramente me está tecendo as escaras. Energia e altivez nunca me hão de faltar para desmascarar e rechassar a matilha dos que lançam mãos da calumnia para jogar lama sobre minha humilde mas honrada individualidade litteraria.

Tenho consciencia de que nunca plagiei a ninguém e tudo quanto tenho publicado até hoje é meu, unicamente meu. E de mais é extravagante e exquisito que eu fosse plagiar ao Sr. Martinho Rodrigues aquem, — perdoem-me a irreverencia, — não reconhecero como poeta e nem assignaria nenhuma das suas produções litterarias, apczar da minha mediocridade e nulidade em letras.

Não descubramos que me fôem vaidade ou immodestia no modo porque me expressei a respeito do Sr. Martinho, pois longe de mim a intenção de negar o merecimento que as produções de S.S. possam ter e de fazer alarde de dotes que não possuo. Não tenho esta pretensão, creiam-me.

O que quero, porém, é que appareçam as provas exigidas afim de que eu seja apontado como plagiaro e a redacção do Ceará não fique com o epitheto de caluniadora e mentirosa.

Ceará—30—11—95.

SABINO BAPTISTA.

### Psalmos

Em qual de vós, risonhas margaridas,  
Transformou-se essa estrella peregrina  
Que acalentou-me as esperanças idas  
E o berço louro de uma creança fina?

Dize-me, tó, orvalho, que a puroza  
Cristallisa no solo pequenino:  
Onde a doçura d'alma, a singeleza  
Que me velára o somno de menino?

Ó brancos lirios,—illusões serenas,—  
Postes, talvez, o solo alvinitente  
Onde, fechando as paípebras pequenas,  
Dorme, sorrindo, o somno de innocente!

Que bellos risos, que suspiros francos  
Ao ciclar de uma cariecia leve!...  
Deixae pousar em vossos seios brancos  
De um beijo casto a immaculada neve!

E quanta luz perdida nos espaços  
Escorre, brilha, caloranta e calma...  
Lembra talvez os maternaes abraços  
E vem beijar os gelos de minh'alma!

Ao distender a trança enloirecida  
A Natureza inteira despertou-se...  
Mesmo a minh'alma, nova e revivida,  
Lembra o Evangelho de um carinho doce!

E nada mais me resta da passada  
E loura vida de illusões formozas...  
Sobre o egypte canta a passarada  
E sobre a campã de-abrocham rosas!

Tudo que é puro e benfazejo cresce  
Ao de redor do tumulo querido:  
Reside ali o vulto de uma proeza  
E ao lado d'elle um coração partido!

Rio—22—9—95.

MANOEL LOBATO.

### Livio Barretto

Venho de longe, amigo, em piedosa  
romaria, para depor, em teu tumulo  
estas palavras. No atordoamento que  
a surpresa de tua morte deixou em meu  
espírito, direi pouco, apenas, que ex  
um rediivo para mim, porque sou-  
beste deixar em muitas paginas, esparsas  
pelo mundo da imprensa, a prova  
do teu valor que teria de crescer aos  
olhos de muita gente surpresa, n'um  
meio em que a prosa da vida não te  
fosse tão difficil.

Guardo de tua lyra os sons que ouvi  
quando te disse adeus, n'aquelle dia  
em que para mim a saudade vagava no  
ar e o occaso se approximava de nós:

\* Que do teu lar a imagem te proteja  
Cantando o poema das Recordações.  
N'essa eruenta, intermina peleja  
Das nobres ambições  
Que te perfume a adolescencia forte  
A saudade santissima dos teus  
No frio Sul lembrao calor do Norte...  
Boa viagem, meu amigo, adeus.

Ser-me-á difficil esquecer o moço  
obscuro e talentoso, victima do grande  
e ultimo naufragio—que um dia a  
todos nós ha de roubar, aos poucos,  
quando a tempestade se levantar no  
mar profundo, insondavel do Nada.  
Elle um dia causou-me surpresa e con-  
quistou de chofre a minha admiração.  
Foi quando me passaram sob os olhos  
esses versos—*Dolentes* que um nome  
desconhecido assignava.

Era o d'esse moço, que a morte ago-  
ra fez rediivo em meu coração.

Rio 20 de Outubro 95.

EDUARDO SAHOYA.

### Stephana Aliarne

A's vezes vejo essa gentil Senhora.  
O seu labio vermelho, e o azul profundo  
Do seu olhar, onde a volupta mora...  
—Não ha mulher mais linda neste Mundo!

Seu riso, suas phrases são picantes  
Com um stylotte que entra até o cabo  
No coração dos miseros amantes:  
Tanta volupta só possui o Diabo!

Flôr do mulher! A estranha creatura,  
A branca e formosissima Aliarne  
Tem n'alma as trevas duma noite escura!  
—Seu todo exprime: Mundo, Diabo e Carne!

Ceará—95.

LOPES FILHO.

## ALBUM DE ESTUDOS

IV

( DO ESBOÇO DE UM ROMANCE )

O bond do Pelotas acabava de para-  
diante da Maison.

Alguns passageiros apeavam-se, e  
entre elles o Campos, que trajava de  
preto nessa noite e trazia uma cartola  
espelhaute dando uma apparencia no-  
va a sua figura conhecida o vulgar.

A praça do Ferreira apresentava  
daquelle lado, seu costumado aspect  
de mov mentação, destoando da que  
tação geral da cidade.

Eram 6 12 da noite.

Para uma casa do commercio en-  
travam fardos de xarque e ancoretas de  
liquidos na cabeça de trabalhadores  
da rua.

Homens do povo passavam do mer-  
cado, levando pendente do dedo a sua  
ceia de figado ou de peixes miudos.

Vozes agudas de meninos aprogo-  
avam jornaes.

Para as bandas do poente bruxolea-  
va ainda um resto de dia, alaranjan-  
do uma nesga de céu que se reflecto  
vagamente, nas fachadas que lhe fa-  
ziam face.

Os focos da illuminação das ruas co-  
meçavam a actuar pouco a pouco so-  
bre a sombra invasora da noite, que  
deseia.

As bancas do Java estavam repleta-  
de *habitués*. Liam-se jornaes, tomava-  
se café, palestrava-se.

Comerciantes da vizinhança, de  
calça e collete, jogavam domino.

O proprietario do Kiosque sem gra-  
vata e com uma grande rosa na la-  
pella, dizia versos do *Dom João* a pro-  
posito da uma mulher ebria que tinha  
entrado em braços no posto policial  
fronteiro.

Ao passar o Campos diante do Kios-  
que, ouviu algum dizer:

—Olha o Campos como vai no trin-  
que! Parece um noivo. Nem falla com  
a gente.

E o Campos era com effeito noivo  
naquelle momento.

Ali onde o vium acabava de pedir  
uma moça em casamento.

D'ahi o ar de abstracção com que  
passava, o olhar fito para diante, sem  
comprimentar a ninguém, elle que era  
tão prodigo em saudações expansivas  
atiradas a direita e a esquerda e acou-  
panhadas de digitações amoraveis.

N'aquelle alheamento das cousas  
ambientes, ia descendo machinalmen-  
te a rua da Boa-Vista, entrou na da  
Assembléa, depois na do Major Facun-  
do e enfiou pela casa do Pathabate.

Diversos sujeitos agrupados ao re-  
dor das bancas discutiam acalorad-  
mente, tendo diante de si copos de  
cerveja.

Tractava-se das medidas financeiras  
do Ruy Barbosa, a respeito das quaes  
emitiam-se os mais desencontrados  
opinões.

Falavam todos ao mesmo tempo,  
de vez em quando dos polenistas. In-  
vantava-se, procurando impor seu me-  
do de pensar a força de gritos e de  
gestos violentos.

Apenas o Saupato, um gabula o  
gro e de olhos assotia impassa

discussão, o cotovello sobre a banca, o pé na travessa de uma cadeira desocupada, fumando pachorrentamente.

O Campos apertou-lhe a mão e soube-se do outro lado da banca.

Tirou a cartola, limpou o suor, pediu cerveja, e em tom confidencial:

—Sabe? Liquidei a factura,

O outro fez um movimento interrogativo.

—Mandei hontem uma carta pedida a Amelia e tive hoje o sim.

—Bravos! Então a velha?...

—A velha estava renitente; mas botou-lhe o padre Gomes nas garupas, e foi tráz zas.

—A Amelia não é lá nenhuma creanga, mas ainda está muito bem conservada, vem de muito boa familia e demais....

A phrase foi completada com um roçar dos dedos polegares e indicador.

O Campos tomou alguns goles de cerveja, limpou os beiços e esteve alguns momentos calados.

Depois, baixando mais a voz murmurou lentamente:

—Homem, a falar francamente, eu não tenho nenhuma affeição áquella rapariga. Mas que quer você? O diabo da quella viagem ao norte deixou-me, como lá diz o outro, na varzea sem cachorro.

Esse negocio de lanchas e carroças não dá para o cha. De formas que o unico meio de endireitar-me é este casamento. A minha futura tem ali perto de uns quarenta annos, e eu sabendo tanger os pausinhos estou em pouco tempo caçoando da humana fada. Você que acha?

—Eu acho que você encontrou uma mina e tolo seria si não a explorasse. Essas bobages de affeições são convorça fiada. Tenha você dinheiro, e não lhe faltará nada. Felicidade sem dinheiro já não se encontra hoje nem nos romances.

Fez uma pausa e depois continuou:

—A proposito: Visto que vai entrar na familia, tome a peito aquella questão do sitio da Mecejana! Aquillo é um roubo descarado. Eu lhe garanto que si a D. Ignacia me tivesse entregado a questão, os Oliveiras já estavam no olho da rua. O Borges só quiz comer o cobre da velha e não tem ligado interesse nenhum a causa. Eu tenho sobre apontamentos os mais precisos. Inda outro dia, falando a esse respeito com o Luiz de Miranda, elle disse-me o mesmo que eu lhe estou dizendo agora.

—Boim, disse o Campos, disfarçando um contranimento, você veja o que ha nesse sentido para tratarmos disso em tempo.

—Pois está feito. São fayas contadas. Arredite que com uma bochecha d'agua os Oliveiras rodam. Enté logo, que ainda tenho de ir á casa do juiz substituto saber si elle deu sentença sobre uma questão minha.

Sahindo o Sampaio, o Campos acciou-se do grupo de economistas e envolveu-se na discussão, que continuava animada o ponto de já se terem trocado palavras pouco acciadas.

Campos interveiu conciliadoramente, estabelecendo um meio termo entre as diversas opiniões.

E pouco a pouco sua palavra insi-

nuante, lantejoulada de conceitos filiosos mas externados com emphase e gestos abundantes, foi amollicendo as convicções e estabelecendo o silencio.

As objeções rareavam, e o Campos continuava a falar e, assumindo ares doutrinarios, ejaculava phrases campanudas, que mereciam inconscientes approvações da cabeça,

Fallou muito tempo!

Mas a coisa n'esse tornando enfadonha depois que elle monopolisara a palavra; e por isso um sujeito gordo que já começava a cochilar virou a cabeça que lhe restava no copo e exclamou levantando-se:

—Esta encerrado a sessão.

Foi o signal de debandada.

O Campos n'ida continuou a falar até a porta; ali trocaram-se boas-noites, e elle sahio em rumo de casa, a cartola inclinada para traz, segurando as extremidades da bengalla atravessada nas costas.

Chegando a sua porta, abriu-a, riscou um phosphoro, abriu o registro do gaz e subiu a escada que dava para a sotao onde dormia.

Accendeu um bom de gaz e despiu-se, revestando-se em seguida a janellinha quadrada onde não caberiam duas pessoas.

Ali ficou-se muito tempo.

A rua, para a direita, desembocava na Feira Velha com suas grandes massas de folhagem negra; para a esquerda alongava-se a perder de vista, muito recta e plana, pautada aos lados pelos cordões de gaz.

Raros transeuntes passavam.

O silencio triste do quarterrio ia-lhe inoculando um começo de aborrecimento, com um barro que se fosse alastrando sobre as linhas tortuosas de seus pensamentos.

Elle dava naquelle momento como que um balanço á vida.

Mas os dados escapavam-se-lhe; as remissões recusavam-se a entrar em linha de revista, a virindo soluções de continuidade na historia de seu passado.

Caneado daquelle trabalho mental, tomou a flauta que estava sobre a banca, e de pé, passeando no quarto, em camisa de flanela e coroulas, começou a tocar uma valsa antiga e monotonica, que se tocava no Aracaty, terra do seu berço, pelas novenas de Maio.

A musica teve a virtude de evocar as recordações que lhe fugiam e aproveitando essas disposições do espirito, accendeu um cigarro, apagou o gaz e estirou-se na rede armada a um canto

1893.

A. S.

## Phases

I

Quando o crepusculo invade  
Triste e grave, os horisontes,  
Como uma mesma saudade  
Que faz virgar muitas fronte,

Tambem, triste e grave, o horror  
Sondando do meu martyrio  
Sinto que o amor—este lyrio—  
Traz este polon—da Dor!

II

Quando a lua deszarrada  
Errante floco de neve,  
Pela abobada azulada  
Rola de leve, de leve...

Eu, lembrando o nosso idyllo,  
Tão cedo morto, querida,  
Sinto rolar minha vida  
Como a lagryma de um cillio!

III

Rompo a manhã: a alvorada.  
A aragem boja os rosasos  
E pelo ar a rovoada  
Vai das aves matinaes,

Assim minha alma se inflora  
E, louca, canta e sorri  
Quando os meus olhos em ti  
Se fllam, meiga senhora!

Agosto—95.

LIVIO BARRETTA

## Aventuras do Zé Guedes

No dia designado foi o Zé Guedes delicadamente recebido em casa do novo patrão.

Este o internou no trabalho, dispensou-lhe o mais amavel tratamento, e dentro em pouco fel-o conhecedor de todos os seus negocios.

O Guedes assumia uma certa gravidade fingida diante do honrado negociante, affectava interesse por tudo que havia no estabelecimento, e na rua quem o visse serio e entusiasmado, suppol-o-lia já sacio nos lucros.

E elle reflectindo consigo julgava-se muito feliz, perfeitamente collocado.

Com meçada em casa do patrão, quasi logo começou a botar corpo, devido talvez ao vinho que este lhe servia ao almoço e ao jantar.

Aquillo sim é que era homem bom!

De dia na loja, e á noite no Café, no Passeio, em casa da familia, tomando parte activa na roda da calçada, onde invariavelmente era assumpto a vida alheia, de modo que alguém que ali se achasse, demorava-se até o fim com receio de lhe cortarem o coiro na ausencia.

D. Zefa rejubilava-se com a prosperidade do filho, e as meninas ao verem-no aos domingos com gravata de manhi encarnada, opulenta flôr na botoeira do fraque, crystaes no peito da camisa, comprimentando alegremente a todos, achavam-no bem bonito.

Uma que não faltava a roda da calçada de sua casa e se sentava sempre junto d'elle, agradando de modo especial a todos da familia, mesmo a Chico consueira, ao moleque Isaias filho d'esta; a quem de quando em vez presentava um coem camisinha, ao proprio Jasmin, cão muito sujo e rabugento da Lisa, achava-o elegante e capaz de fazer a felicidade de qualquer moça.

O Guedes tambem gostava d'elle e quiz significar-lhe a sua affeição, mas não sabendo fazer uma carta, copiou do «Parnaso Lusitano» uma linda poesia e lh'a remetteu como declaração de amor.

A moça agradeceu cordialmente e ficou sem entender porque a poesia nada tinha de amoroso—era feita por

Elles passavam horas alegres na companhia um do outro.

Uma noite conversavam todos na calçada em intima familiaridade, era mais larga a roda, quando o Debonbargador Luis Gouveia chegou com a familia junto ao grupo, e não havendo passagem, por estar todo o espaço tomado por cadeiras, a senhora d'este tentou descer ao calçamento, dois palmos mais baixo, e o seu tão deus-tradramente, que estiba sobre a pedra torcendo o pé esquerdo, e não pôde mais levantar-se.

O marido afflicto amparava-a, e não teria seido d'alli, se o morador da casa em frente não viesse em seu auxilio conduzindo n'uma cadeira a pobre senhora para a sua casa, d'onde se retiraram a carro.

Os da roda ao aneitarem a queda apenas se levantaram e D. Zefa exclamou: Virge Maria! o que foi isto? Nunca até hoje ninguem não cahiu em nossa porta!

É logo que partiu o carro commentavam o caso, servindo como motivo de risos e de troços, os gemidos, a cara borrenda que havia feito a paciente, que por ser gorda e idosa chamaram-na de mala velha, de catraia de *sambuca* e outros epithetos desgraçados.

Ainda por muito tempo recorriam o incidente para se recrearem à custa do soffrimento alheio.

Dias depois o patrio do Guedes ficou d'elle o encarregado da caixa, como prova da muita confiança que lhe tinha, e elle ia dando boa conta.

Respoeto era muito.

Tendo já certa consideração no commercio, o Guedes não quiz mais residir com a familia e alugou casa no arruhalde.

Logo que se fechava o estabelecimento, recolhia-se ao seu ninho, como elle chamava ao novo domicilio, deliciava-se com os bons ares e ficava horas esquecidas a cogitar no meio de ganhar muito dinheiro e fazer uma casinha mais elegante.

Comprou afinal o terreno por 800,000 réis, e como desejava fazer a coisa baratinha, e havia perto muito material para um edificio publico, lembrou-se de ser auxiliado pelo governo, e começou a agradecer os meninos da vizinhança, dando a cada um um vintem.

Apenas chegava, os meninos affluíam aos bandos, e elle começava a distribuição dos cobres, agradando carinhosamente a todos, que já o queriam como o melhor moço do mundo.

O Guedes inventou um bom meio de construir facilmente a casa, que o punha a cuberto de toda a suspeita, e tanto mais seguro quanto proximo a elle só morava gente pobre e que lhe devia favores.

Reunia a meninada e gritava: bocca do forno! e elles respondiam—forno!—Tirando bolo, e elles respondiam—bolo!—Remando, remando quem me trazer uma folha de cajueiro, e os meninos corriam a depositavam a seus pés as tolhas pelidas.

Em seguida as mesmas palavras se terminava: remando, remando quem me trazer um tijolo e os tijolos eram amonhados em lugar apropriado.

E logo que foram sufficientes para a obra, passou o brinquedo a ser no sentido de vir a telta precisa, depois as

ripas, depois os tijolos de ladrilho etc., sendo tudo isso feito ao som de estidentes risadas das crianças, que se esforçavam por exceder uns aos outros na carreira.

Corria tudo a mil maravilhas, mas quando o Guedes acabou a casa, acabou-se também a amizade dos meninos, que nunca mais pegaram d'elle um vintem.

Como elles tinham saudades d'aquelle brinquedo tão innocente!

ANTONIO BEZERRA.

## CARTEIRA

THEATRO

Os artistas Augusto Pires e Amélia de Barros deram na noite de 23 do passado um espectáculo, no S. Luiz, em beneficio da estatua do General Sampaio, em via de erecção. Concoo o espectáculo de duas comedias e algumas cançõnetas e scenas comicas, obtendo tudo bom desempenho por parte dos artistas.

O theatro foi caprichosamente decorado com cordões de bandeiras e escudos onde se lym os feitos e o nome do bravo coarense.

Noticiamos aqui esta patriótica festa não podemos deixar de mencionar o nome do Sr. João Barcellos que a promoveu e tem trabalhado com uma persistencia e abnegação dignas dos maiores louvores em prol do monumento que vai ser em breve erecto ao General Sampaio numa das praças desta capital.

### PARTIDA DE CAMPO

Encantadora a festa que realisamos em Villa Adelaide, cujo programma elegantemente impresso á tuita carmesim sobre papel *colin à la carte*, era o seguinte:

### PARTIDA DE CAMPO

EM

VILLA ADELAIDE

Av. 23 de Novembro de 1895

Dono das arvores—José Carlos Junior.

Commissão executiva—Mello Rezende e Antonio Salles.

Convivas—Numerosas e distintas Familias e os Padroes Espirituaes.

### PROGRAMMA

Art. 1.º—A's 8 1/2 da manhã todos os convivas se acharão na Praça do Ferreira para tomar o bond do Bemfica, levando cada um o contingente alimenticio musical, litterario ou choreographic, que lhe foi designado.

Art. 2.º—A chegada em Villa Adelaide será executado o hymno da Padaria Espiritual.

Art. 3.º—Até a hora do almogo realisar-se-á um tornio litterario que constará do seguinte:

Uma ode de Horacio, no original, recitada por Mello Rezende; *Saudação à Natureza*, ode em portuguez, por Antonio Salles; *Monologo*, tendo por assumpto na *Avantura de Sancho Tartarin Quicote de la Madrugada*, por Sabino Baptista; *Historia da viagem de um Atom*; *As profundidades oceanicas*, por João da Rga (Ulysses Bezerra); *Paysagen*, trecho de prosa, por Arthur Theophilo; *Criticaturas em prosa*, narrativas e facerias, por José Carvalho; Surpreza por Mello B.

§ unico.—É facultativa a exhibição de qualquer peça litteraria cujo autor não esteja comprehendido no art. supra.

Art. 4.º—A hora em que se annunciou o almogo, José Carvalho será enviado á Casa de Orates para fazer estudos psychiatricos, salvo decisão unanime em contrario das Senhoras presentes.

Art. 5.º—Almogo *sub tegmini mangroies*

Art. 6.º—Ao meio dia em ponto sera queimado um lindo fogo de artifício.

Art. 7.º—Passada a crise da digestão, durante a qual José Carlos recitará o *Teor da Rainha*, em portuguez alfacinha, Julio Braga fará a photographação dos convivas.

Art. 7.º—A 1 hora da tarde desfilo á viola.

Art. 8.º—A's 2 horas, haverá dansas, si as Senhoras estiverem pelos autos.

Art. 9.º—A's tres horas, distribuição solenne de confeitos feita pelo Roberto de Alencar á potizada do José Carlos e mais creanças que apparecerem.

Art. 10.º—O lapso de tempo comprehendido entre as tres horas e a hora do jantar será aproveitado em diversões congnas dos talentos e bom gosto dos convivas.

Art. 11.º—Logo que anoiteça, realisar-se-á uma partida de cotillon dirigida por Mello Rezende e uma Senhora de sua escolha.

Art. 12.º—Ao cotillon seguir-se-á uma soiree musical, constando da *Serenata brasileira*, canto e piano, por Antonio Salles e Mello Rezende, e diversas musicas executadas a piano e a violino pelas Senhoras presentes.

Art. 13.º—Nova execução do Hymno da Padaria Espiritual.

Art. 14.º—Surpreza a cargo de Mello Rezende.

Art. 15.º—Fica a cargo de Dona Luz o fornecimento do *gaz incandescente* para illuminar o caminho durante e regresso.

Concitantos a todos os interessados e darão ao presente programma o mais fiel e zeloso cumprimento sob pena de excomunhão maior e perda de direitos inherentes á gente que tomou chá em pequen.

A Commissão Executiva  
MELLO REZENDE,  
ANTONIO SALLES

Salvo as *blagues*, teve este programma a mais fiel execução.

É foi um dia de verdadeira satisfação buccica o que passámos em Villa Adelaide ao pé de formosas senhoras e lado de bons pitões, ao ar livre, num defogo de todas as fadigas urbanas.

Um bravo ao dono das arvores e á incansavel commissão executiva.

## PREPARADOS PHARMACEUTICO

DE

A. GONZAGA

**ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS.** Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

**PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO.** O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, cscarros de sangue, tísica, etc.

**XAROPE ANTI-NERVOSO.** E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebções do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

**QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS.** Poderoso tónico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescências.

**XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA.** Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

**XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO.** Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculu ou pedras), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

**TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA.** Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

**GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS.** Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

**INJECCÃO ANTI-BRENORRHAGICA.** Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

**PÓS DENTRIFICOS.** Alvevão e conservão os dentes e perfumão a bocca.

**TINTA PARA MARCAR ROUPA.** Preta e indelevel.

— — —  
Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo 80, Ceará.

## OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

## GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTA ESTADO

**Jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. Relógios de ouro, de prata e nickel, para algebeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc. Relógios para dadas e banca, despertadores de todos os preços. Lunetaria superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.**

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C<sup>o</sup>

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

## Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

## Aguilar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no *AGUIAR*.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP STUART—Rua Formosa n. 46.